MIDAS

Museus e estudos interdisciplinares

4 | 2014

Varia e dossier temático: "Museus, utopia e urbanidade"

Museus, utopia e urbanidade

Museums, utopia and urbanity

Helena Barranha and Nuno Crespo

Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/midas/705>

DOI: 10.4000/midas.705

ISSN: 2182-9543

Publisher:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Electronic reference

Helena Barranha and Nuno Crespo, « Museus, utopia e urbanidade », *MIDAS* [Online], 4 | 2014, Online since 10 February 2015, connection on 22 September 2020. URL : <http://journals.openedition.org/midas/705> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/midas.705>

This text was automatically generated on 22 September 2020.

Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

Museus, utopia e urbanidade¹

Museums, utopia and urbanity

Helena Barranha and Nuno Crespo

- 1 As últimas décadas do século XX foram marcadas por uma inédita mobilização pública e privada, em torno da ideia de que os museus podem constituir-se enquanto poderosos instrumentos de renovação simbólica e funcional das cidades. Por todo o mundo, multiplicaram-se os novos espaços museológicos, ao mesmo tempo que cresceu substancialmente o investimento em mediáticas ampliações de instituições de referência.
- 2 Contudo, o optimismo associado ao chamado “efeito Bilbao”, amplamente difundido à escala global, depressa foi ensombrado pelo relativo ou absoluto fracasso de projectos com idêntica ambição. Paralelamente, aprofundava-se a reflexão teórica sobre o papel dos museus na sociedade e na cultura contemporânea, com importantes contributos nas áreas da história da arte e da arquitectura, da museologia, da sociologia, da economia ou do turismo. No texto «*Du Temple de l'Art au Supermarché de la Culture*» (1994)², Françoise Choay coloca mesmo a questão da inviabilidade do museu na sociedade do lazer e do consumo de massas, identificando um momento histórico paradoxal, de adiado reencontro com o tempo e o espaço, em que o apogeu mediático dos museus se confunde com o seu anunciado declínio.
- 3 Esta ideia de “museu inviável” não tem o valor de prognóstico, mas é uma espécie de constatação de que o nome “museu” aponta hoje para um problema por resolver, o qual não diz respeito apenas a condições de possibilidade, mas igualmente a um desejo humano. Desde sempre associado aos museus, o desejo de relação com o mundo dos objectos excepcionais tem implícito um projecto utópico de superação da realidade, do tempo e do esquecimento. Para além de instâncias de reconhecimento e difusão das imagens que as comunidades produzem de si mesmas, os museus configuram espaços privilegiados de projecção criativa e utópica, em que as dimensões individual e colectiva se cruzam ou confluem.
- 4 O entendimento do museu como lugar poderosamente imaginativo constituiu, assim, o ponto de partida para este dossier temático da revista MIDAS, o que motivou a

integração do ensaio de Rachel Morris «*Imaginary Museums: What Mainstream Museums Can Learn From Them?*», originalmente publicado em 2012, mas até agora inédito em edições portuguesas. Reinterpretando o conceito de “museu imaginário” proposto por André Malraux³, a autora analisa a criação ficcional de espaços museológicos, quer através de experiências literárias e artísticas, quer através da capacidade de (re)construção imaginativa e poética dos próprios visitantes.

- 5 O potencial metafórico e utópico do museu é também explorado no artigo de Roser Calaf e Sué Gutiérrez, que sugere a leitura da cidade como museu, sublinhando o papel da arte pública no processo de construção da urbanidade. A natureza processual, inerente tanto ao fenómeno urbano como à génese e evolução dos museus, suscita a dificuldade dos actuais modelos museológicos (desde os mais institucionalizados, aos mais informais) em conseguirem responder às expectativas artísticas, culturais, turísticas, económicas e políticas que recaem sobre estas instituições. O que se tem mostrado – e que de algum modo a natureza tão heterogénea dos textos apresentados neste dossier revela – é a impossibilidade de uma única ideia de museu acomodar tudo aquilo que os diferentes agentes pensam e deles esperam. O caso da filial do Museu do Louvre, em Lens, analisado no texto de Maia Morel – «*Le Musée Comme Outil de Remédiation Identitaire*», é particularmente expressivo em termos da polarização de expectativas sociais e políticas a partir de um projecto museológico.
- 6 Na verdade, os museus nunca foram existências neutras e despidas de carga política, simbólica e estética. A sua neutralidade é um engano, mesmo nas suas formulações mais radicais, o museu veicula uma ideia de arte, de espectador e de relação entre público e privado, arte e comunidade. Ao contrário do que se poderia esperar, os movimentos antimuseu, que marcaram a primeira metade do século XX, acabariam por confirmar que os museus sempre tentaram responder a uma utopia de lugar ideal para a arte e para as rupturas que os artistas quiseram provocar. Como se o museu fosse, num certo sentido, o palco onde a imaginação criativa pudesse ser materializada, comunicada, partilhada. Esta tensão crítica contribuiria, de resto, para a formulação, nos anos 60 e 70, de vias alternativas para a conceptualização dos museus de arte contemporânea em que, a par de experiências de natureza informal, participativa e comunitária (pioneiramente anunciadas pelo PS1 de Nova Iorque), surgiram novos paradigmas para as grandes instituições públicas (como o Centro Pompidou, em Paris), baseadas na ideia de museu como fórum cultural, democrático e aberto à cidade. Neste contexto, o texto da Catarina Marto aborda a forma como os centros de arte contemporânea «poderiam ou deveriam [...] fortalecer uma comunidade artística ao estreitar laços com a comunidade local [e] proporcionar espaço para a compreensão e interpretação de acções/obras da arte contemporânea».
- 7 O museu como problema expande-se também à arquitectura. Não só no sentido de como deve ser pensada a sua arquitectura, com todas as implicações que tem na apresentação de obras, documentos e objectos – o gigante desafio de nos nossos dias os museus serem uma espécie de existências genéricas, que devem poder albergar muitas espécies de acontecimentos: exposições de “artes visuais”, cinema, arquitectura, *performance*, etc. –, bem como no desafio da sua sustentabilidade, viabilidade e pertinência, mas também enquanto a dimensão arquitectónica do museu (material, formal, conceptual) materializar e transportar toda a ideologia e política da cultura e da arte. A pergunta, a ser formulada, é sobre que elementos devem ser expressos pela existência arquitectónica dos museus? Uma pergunta política que não pode ser só

desenvolvida ao nível do poder e dos seus executores, mas também ao nível do imaginário comum sobre o museu.

- 8 A percepção de que muitas destas questões se encontram, necessariamente, em aberto e em permanente reformulação levou, nas últimas décadas, à afirmação do museu como obra inacabada. Associando a ideia de laboratório cultural a questões fundamentais na cidade contemporânea, como a reciclagem de edifícios devolutos, surgiram em vários países novos museus e centros de criação contemporânea que assumem a condição de espaço inacabado ou *work in progress*. Este tema é explorado através de uma dupla perspectiva sobre o caso paradigmático do MUDE – Museu do Design e da Moda, Colecção Francisco Capelo, em Lisboa, com os contributos de Bárbara Coutinho e Ana Tostões, bem como dos autores do projecto inaugural, Ricardo Carvalho e Joana Vilhena.
- 9 O projecto do MUDE problematiza, também a relação entre contentor e conteúdos, ao rejeitar uma suposta neutralidade arquitectónica para valorizar a expressividade da construção e das marcas do processo de degradação a que a mesma esteve sujeita. Simultaneamente, a apropriação da ruína e o carácter transitório das novas adições indiciam um entendimento do museu como espaço de incertezas. Esta reflexão é continuada no texto de José Alberto Ferreira, que questiona como o museu pode ser uma residência de contradições e fragilidades.
- 10 Finalmente, importa observar que a inclusão, neste dossier temático da revista MIDAS, do ensaio visual de Nuno Cera não se propõe fazer uma descrição completa daquilo que são as realidades visuais dos museus, mas sim elaborar um dispositivo ficcional. E trata-se de uma ficção não no sentido de inventar um novo museu, ou ideia de museu, mas de enfrentar museus existentes através da criação de imagens. Por isso, a proposta de Nuno Cera não tem uma natureza descritiva, nem são olhares materializados na superfície fotográfica, mas sobretudo contributos imagéticos, críticos e reflexivos acerca daquilo que um museu é, ou aparenta ser, na sociedade contemporânea.

Agradecimentos

- 11 Os editores agradecem a participação de todos os autores que enviaram artigos para este dossier temático da revista MIDAS e dirigem uma palavra de especial reconhecimento a Rachel Morris e Nuno Cera, por terem disponibilizado os seus trabalhos para releitura e publicação.

NOTES

1. Os autores escrevem de acordo com a antiga ortografia.
2. Choay, Françoise. 1994. “Du Temple de l'Art au Supermarché de la Culture.” *Villes en Parallèle* 20-21 (déc.): 209-221.
3. Malraux, André. 1999. *Le Musée Imaginaire*. Paris: Gallimard (1.^a ed. 1947).

AUTHORS

HELENA BARRANHA

Formou-se em Arquitectura (Universidade Técnica de Lisboa, 1995), tem mestrado em Gestão do Património Cultural (Universidade do Algarve, 2001) e doutoramento em Arquitectura, com dissertação sobre Museus de Arte Contemporânea em Portugal (Universidade do Porto, 2008). É professora auxiliar no Instituto Superior Técnico – Universidade de Lisboa, investigadora do Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção e colabora também, desde 2007, com a Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do mestrado em Museologia. Foi directora do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado entre 2009 e 2012. A sua actividade profissional e de investigação centra-se no património arquitectónico, nos museus de arte contemporânea e nas exposições de arte digital, temas sobre os quais tem realizado vários estudos e publicações. helenabarranha@tecnico.ulisboa.pt

NUNO CRESPO

É licenciado e doutorado em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigador do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa e professor de estética e teorias da arte. A sua actividade de investigação tem sido dedicada, principalmente, à crítica da arte e ao cruzamento entre arte, arquitectura e filosofia e a autores como Kant, Wittgenstein, Walter Benjamin, Peter Zumthor e Adolf Loos. Paralelamente tem desenvolvido trabalho independente como crítico de arte e curador de exposições de arte e arquitectura. Das suas publicações destaca-se o livro *Wittgenstein e a Estética* (2012) editado pela Assírio & Alvim e *Julião Sarmento, Olhar Animal* (2013), para além de muitos outros ensaios sobre artistas e arquitectos. nunocrespo.iha@fcsh.unl.pt